

“QUEM MANDOU ME CONVIDAR?”: UMA ABORDAGEM SOCIOCognITIVA DA CONSTRUÇÃO DE REPREENSÃO¹

“QUEM MANDOU ME CONVIDAR ?” : A SOCIOCognitive APPROACH TO THE CONSTRUCTION OF REPREHENSION

169

Bárbara Pessanha Poggian²
Gabriela da Silva Pires³

Enviado em: 27/02/2021

Aceito em: 06/08/2021

RESUMO: Este trabalho visa investigar a produtividade da expressão “Quem Mandou X?” enquanto Construção Gramatical de Repreensão na língua portuguesa, com levantamentos e considerações sobre sua configuração gramatical. Para tanto, foram utilizados os pressupostos de Goldberg (1995), Ferrari (2011), Martellota e Palomanes (2017) e Pinheiro (2016) sobre a abordagem da Gramática das Construções. Nossos principais objetivos são: investigar a produtividade da construção “Quem Mandou X?” a partir de dados reais; descrever esquemas verbais ativados; descrever a configuração esquemática da construção estudada; e identificar os contextos de aparição das ocorrências nos *sites*. Como procedimento metodológico, foi constituído um banco de dados a partir de ocorrências de usos reais obtidas através da busca avançada do *Google*, em dois domínios da internet: *abril.com* e *blogspot.com.br*, pela expressão de busca “quem mandou”. A partir de 140 resultados, o refinamento de dados proporcionou 34 ocorrências válidas, representantes da Construção de Repreensão. Como resultados das análises iniciais, apresentamos as seguintes considerações: (i) os dados demonstram a legitimação da construção de repreensão em diferentes contextos, (ii) a configuração gramatical assemelha-se estruturalmente a uma pseudopergunta e (iii) a relação entre os esquemas ativados pelos verbos e os alvos da repreensão revelam uma tendência a censurar um interlocutor/alvo por suas ações e, sendo o próprio enunciador o alvo, a censura recai sobre questões estativas e existenciais.

Palavras-chave: Gramática de Construções; Linguística Cognitiva; Construção de Repreensão.

ABSTRACT: This work aims to investigate the productivity of the expression “Quem mandou X?” as a Grammatical Construction of Reprehension in the Portuguese language, with surveys and considerations on its grammatical configuration. For this purpose, the assumptions of Goldberg (1995), Ferrari (2011), Martellota and Palomanes (2017) and Pinheiro (2016), on the approach of the Grammar of Constructions were used. Our main objectives are: to investigate the productivity of the construction “Quem Mandou X?” from real data; describe activated verbal schemas describe the schematic configuration of the studied construction; and to identify the contexts of appearance of occurrences on the websites. As a methodological procedure, a database was created based on occurrences of real uses, obtained through Google's advanced search, in two domains of the internet: *abril.com* and *blogspot.com.br*, by the search expression “Quem Mandou”. From 140 results, the data refinement provided 34 valid occurrences, representing the Construction of Reprehension. As a result of the initial analyzes, we present the following considerations: (i) the data demonstrate the legitimacy of the Construction of Reprehension in different contexts, (ii) the grammatical

¹ Agradecemos ao CNPq pelo incentivo financeiro à pesquisa de Iniciação Científica (CNPq/UFV2020), da qual este trabalho é fruto. Nossos agradecimentos aos pareceristas, que contribuíram significativamente para a versão final deste trabalho. Equívocos que porventura se apresentarem são de nossa inteira responsabilidade.

² Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa-Língua Francesa [Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Letras], Viçosa, MG, Brasil. Endereço eletrônico: barbara.poggian@ufv.br

³ Professora da área de Língua Portuguesa do Curso de Letras [Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Letras], Viçosa, MG, Brasil. Endereço eletrônico: gabriela.pires@ufv.br.

configuration is structurally similar to a pseudo-question and (iii) the relationship between the schemas activated by the verbs and the targets of reproach reveal a tendency to censor an interlocutor/target for his actions and, being the enunciator himself the target, the censorship falls on static and existential issues.

Keywords: Construction Grammar; Cognitive Linguistics; Reprehension Construction.

Introdução

Este trabalho, de caráter preliminar, visa investigar a produtividade da construção “Quem Mandou X?”, enquanto uma Construção Gramatical de Repreensão na língua portuguesa, além de fazer um levantamento de considerações iniciais a respeito da estrutura dessa construção gramatical e aprofundar a configuração gramatical da estrutura, mantendo relação com os pressupostos propostos pela Linguística Cognitiva (doravante LC). A construção em questão, apresentada no título deste trabalho sob o exemplo de “Quem Mandou Me Convidar”, pode ser depreendida como uma repreensão a um alvo por meio de pistas linguísticas, como falta de ponto de interrogação, falta de uma resposta esperada no contexto, entre outras; uma vez que parecem refletir o que há internalizado em termos pragmáticos e fonológicos/prosódicos na mente do falante. Tais pistas estão presentes no próprio contexto de aparição, neste caso, publicações nos domínios *abril.com* e *blogspot.com.br*.

A Linguística Cognitiva é uma abordagem pós gerativista iniciada por autores como Lakoff, Langacker e Fillmore, que, segundo Ferrari (2011, p.13), “passaram a buscar um viés teórico capaz de dar conta das relações entre sintaxe e semântica”. Esta abordagem abandonou a ideia de primazia de um módulo sintático na mente humana e passou a conceber a língua como resultado de interações de vários módulos da mente, como a memória e o inconsciente e mediada pelo meio em que o falante vive. De acordo com Martelotta e Palomanes (2017), tudo aquilo que o falante apreende e categoriza durante sua experiência humana está ligado ao corpo humano e a sua vivência, como questões socioculturais, conscientes e inconscientes.

Dentro do escopo da LC, segundo Goldberg (1995), as construções possuem um lugar de destaque. Para a autora, os itens lexicais individuais oferecem grandes informações a respeito da língua, mas não dão conta de todos os dados possíveis. A LC é entendida, pois, como abordagem que integra a forma e o significado, numa relação simbólica estreita, advogando que o significante seja insuficiente para abranger a gama de significados possíveis na língua.

Dialogando com estudos construcionistas de pesquisadores brasileiros, temos o pensamento de Souza (2010, p. 126), que aponta que a GC entende a construção como “uma unidade linguística, ou seja, uma configuração sintática associada a um conceito/significado”. A GC parte do princípio de que o todo deve ser analisado, não parte a parte, uma vez que o sentido é tomado com seu significado próprio.

Também nos alinhamos a Pinheiro (2016, p. 29), que apresenta em seus estudos que “o conhecimento linguístico será concebido como uma espécie de léxico ampliado e enriquecido, contendo milhares de unidades simbólicas (isto é, construções gramaticais)”. Essas unidades simbólicas que se combinam e produzem significado holístico podem ser, assim, evidenciadas como a construção apresentada neste trabalho “Quem mandou X?”, formando redes com outros significados.

Este estudo, baseado na GC, serve, por um lado, como base para a compreensão do fenômeno semântico em construções gramaticais de estudos futuros e, por outro lado, como auxílio ao ensino da língua portuguesa tanto como língua materna quanto estrangeira. Portanto, este trabalho objetiva (i) investigar e descrever o esquema “Quem Mandou X?” como uma Construção Gramatical de Repreensão; (ii) aprofundar e detalhar a configuração gramatical da construção, com seus tipos de verbos e alvos da repreensão, a partir dos dados coletados; (iii) identificar os contextos de aparição dessa construção nos *sites*, a fim de estabelecer considerações iniciais sobre os possíveis esquemas da construção entre os falantes a partir de dados reais. Ademais, uma de nossas hipóteses

é a de que o número de ocorrências da construção seja maior em ambientes virtuais mais informais.

Nossa pesquisa se justifica pela análise de um fenômeno linguístico considerado mais inovador na língua portuguesa, em que a depreensão do sentido de repreensão ocorre a partir de uma composicionalidade fraca do esquema com o verbo mandar <QUEM MANDOU X?>. Além disso, tal empreitada investigativa inicial evidencia a necessidade de mais estudos acerca das construções gramaticais para auxílio de outras pesquisas e ensino da língua.

Para a análise dos dados, foram escolhidos dois domínios que hospedam grande quantidade de *sites* de diferentes temáticas e contextos, o que possibilitou grande diversidade de amostras. Nestes domínios foram selecionadas as primeiras 70 aparições obtidas a partir da ferramenta de busca avançada do *Google*. Das aparições selecionadas, foram elegidas aquelas que apresentavam o valor semântico de repreensão conforme o contexto, totalizando 34 ocorrências válidas ao final da seleção.

Nossos resultados sugerem que pode haver, no mínimo, dois sentidos básicos para o esquema linguístico estudado, que traz o verbo MANDAR na configuração: um sentido de pergunta, verificação/afirmação; e um sentido holisticamente depreendido como de repreensão, sendo este o foco no presente estudo. Além disso, nossos resultados também trazem a identificação de alvos e tipos de verbos da repreensão e, por fim, a legitimação da construção gramatical “Quem Mandou X?” como uma pseudopergunta de repreensão através de pistas linguísticas presentes nas publicações.

Este artigo se estrutura da seguinte maneira: na seção seguinte são apresentados os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e da Gramática das Construções que serviram como base para a análise dos dados em seus contextos reais; na seção 3, é detalhado o procedimento metodológico de busca de dados, para sustentar a análise empírica empreendida; na seção 4, tecemos as análises dos dados, com levantamentos sobre a configuração construcional e os tipos de alvo aos quais as repreensões foram dirigidas para, na seção 5, apresentarmos as nossas considerações finais.

1 Contribuições da Linguística Cognitiva para a construção do significado

Reflexões acerca da estrutura semântica das línguas passaram a instigar um novo campo de estudo entre os linguistas, a Linguística Cognitiva (LC). De acordo com Martelotta & Palomanes (2017, p. 178), a LC possui base empirista, posicionada em oposição à base racionalista do Gerativismo, que buscava a descrição de processos de “manipulação de símbolos abstratos” que resultam na sintaxe da língua em questão.

Conforme os mesmos autores, um dos principais pressupostos da LC está baseado na não modularidade da mente, mas sim no princípio de integração entre várias faculdades mentais que resultam na linguagem. Martelotta & Palomanes (2017, p. 179) citam que “os significados não são elementos mentais únicos e estáveis, mas resultam de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento”, ou seja, os processos de significação estão ligados a diferentes domínios de conhecimento que não permanecem os mesmos durante toda a vida do falante. Assim, as palavras não estão ligadas diretamente ao mundo, mas sim a uma construção feita através da sinergia de vários módulos da mente que fazem com que o mundo seja significado. Conforme Ferrari (2011, p.14), “sob essa perspectiva, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido”.

Dentro do escopo da LC, a GC se debruça sobre o estudo das construções gramaticais. Goldberg (1995, p. 1) assinala que as “construções gramaticais carregam seu próprio significado, independentemente das palavras da sentença”⁴. A independência de sentido apontada por Goldberg é

⁴ Nossa tradução de: “constructions themselves carry meaning, independently of the words in the sentence” (GOLDBERG, 1995, p.1).

possível, na prática, porque a construção, neste caso, “Quem Mandou X?”, é tomada pelo seu todo para assumir um significado único (“Quem Mandou X” e não Quem + Mandou + X). Essa autora defende a análise linguística para além de itens lexicais isolados, ou seja, através de pareamentos de forma e significado. De acordo com Goldberg (1995), uma análise lexical dos itens lexicais individuais produz muita informação a respeito do objeto, mas não é capaz de dar conta de toda a gama de significados possíveis da construção. Nesse sentido, o estudo das construções deve ser considerado em suas estruturas semânticas específicas e independentes dos itens lexicais que a compõem.

Com efeito, a afirmação emblemática de Adele Goldberg “*it’s constructions all the way down*” (GOLDBERG, 2006, p. 18) (grifos da autora) reverbera em diversos estudos. Por exemplo, Pires (2016, p. 29) reforça o papel da abrangência construcional trazido pela renomada pesquisadora:

Tudo afora são construções na língua no sentido de que o que fazemos desde nomear um objeto até pedir um cafezinho na padaria são padrões aprendidos que relacionam uma determinada forma a uma função (semântica ou discursiva), que se apoiam em nossa experiência no mundo (PIRES, 2016, p. 29).

De igual maneira, Pinheiro (2016, p. 29) sintetiza a ubiquidade da relação simbólica construcional, sendo que as unidades são de diversos tipos: “de palavras a padrões entoacionais, passando por esquemas morfológicos, estruturas sintáticas semipreenchidas e padrões sintáticos inteiramente abertos” (PINHEIRO, 2016, p. 29).

Para a LC, o corpo do falante é central para a experiência da linguagem e seus significados além de impor a maneira com que vivenciamos o mundo. Nesse sentido, Ferrari (2011, p.14) menciona que “tudo aquilo que falamos é a nossa visão do mundo”. Para a autora, os elementos linguísticos garantem o que o falante quer comunicar, mas estão associados a visões de mundo, inclinações individuais, cultura, época e outros fatores. Assim, o conhecimento do falante está dividido em categorizações que o ajudam a significar o mundo, como domínios e esquemas.

Ferrari (2011, pp. 130-131) também retoma o levantamento de estudos de Charles Fillmore⁵ e colaboradores, na década de 80, sobre a distinção entre construções de **codificação** e de **decodificação**. As primeiras são estruturas regulares convencionalizadas e as últimas, estruturas de leitura holística, aprendidas como um bloco. É possível que as estruturas sejam **gramaticais** (obedecendo às regras linguísticas) ou **extragramaticais** (apresentando regras não previstas). Por fim, as estruturas podem ser **substantivas** (com preenchimento total de palavras) ou **formais** (com *slots* a serem preenchidos). Para ilustrar, podemos tomar a estrutura “de vez em quando”⁶ como uma construção de decodificação, extragramatical e substantiva, tendo em vista tratar-se de estrutura que apresenta todos os itens lexicais preenchidos, com uma configuração gramatical não regular, que – numa leitura holística – é aprendida como um equivalente semântico de “ocasionalmente”.

Para a legitimação da construção “Quem Mandou X?”, o mapeamento inicial da estrutura e a observação dos verbos e alvos envolvidos na repreensão foram baseados em Souza (2010) e Pinheiro (2016). Souza (2010, p.126) afirma que a GC é caracterizada pela ideia de unidade básica de operação sintática e pela organização das construções em redes.

Dois princípios fundamentais caracterizam a gramática de construções: 1) a ideia de que a unidade básica de operação sintática é a “construção”, definida como a unidade linguística formada por uma estrutura complexa e seu significado (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006), e 2) a ideia de que essas construções estão organizadas em uma rede conceptual na

⁵ Para aprofundamento da leitura, vide: FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O’CONNOR, Mary Catherine. “Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone”. IN: Language, Vol 64, No 3, 1988. (pp. 501-538)

⁶ Vide definição de “de vez em quando” no dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/de%20vez%20em%20quando>. Acesso: 24. abr. 2021.

mente do falante (SOUZA, 2010, p. 126).

Uma das hipóteses deste trabalho é que a construção gramatical “Quem Mandou X?”, enquanto compreensão de um alvo, deva ter passado por processo de convencionalização na comunidade linguística brasileira, uma vez que, considerando os dados analisados, apresenta resultados proporcionais significativos em relação à construção causativa com o verbo “mandar”, considerando os dados analisados.

Para este trabalho, tomamos a noção de esquema cognitivo de Cavalcante e Souza (2010, p.70) que assume como esquema aquilo que é associado “a uma forma de representação, simplificada e funcional, de objetos, de movimentos e de processos e por outro lado, a descrição mental dos traços essenciais de um objeto, de um processo”. A construção do esquema não se alcança a partir de simplesmente recordar uma informação, mas sim a partir da formação de correlações e coordenações.

No âmbito da LC, de acordo com Cavalcante e Souza (2010), os esquemas (ou *frames*) são construídos através da vivência do indivíduo e ativados em contextos adequados, atuando na criação de expectativas do que deveria ou não acontecer em determinada situação. Conforme Ferrari (2011, p. 17):

A LC questiona a afirmação de que o significado pode ser definido de modo independente do contexto, reunindo um conjunto significativo de evidências de que as palavras são interpretadas em relação a estruturas de conhecimento esquemáticas (*frames*) ou domínios de experiência (Fillmore, 1975, 1977, 1982; Langacker, 1987). (FERRARI 2011, p.17)

Uma das hipóteses motivadoras deste estudo é que, em dados contemporâneos, a estrutura “Quem Mandou X?” aciona um esquema de compreensão por meio de uma pseudopergunta. Concluída a apresentação de nossas bases teóricas, passamos agora à seção dos procedimentos metodológicos.

2 Metodologia

Para a verificação das hipóteses de pesquisa, a obtenção dos dados empíricos aconteceu através da coleta dos primeiros 70 resultados da busca avançada do Google com a expressão “Quem Mandou” em dois domínios; *blogspot.com.br* e *abril.com*. Esse meio de obtenção de dados alinha-se à nossa proposta metodológica de procura por dados reais e contextos diversificados numa abordagem sensível ao uso.

A respeito dos domínios cujos dados foram selecionados para essa pesquisa, ambos se mostraram adequados para este trabalho pela grande variedade de temáticas e volume de publicações diárias. O grupo “Abril.com” foi criado em 1950 como uma editora de revistas em quadrinhos e em 1996 passou à internet como um dos maiores domínios de mídia digitais da América Latina, com mais de 10 revistas e 80 sites⁷. O domínio “Blogspot.com” foi criado em 1999 e se apresenta como um serviço gratuito e livre para qualquer temática, com exceção de temas ilegais, e permite uma quantidade ilimitada de blogs em seu servidor⁸.

Após a busca avançada do *Google* com a expressão “quem mandou” (entre aspas), os 70 primeiros resultados das publicações de cada domínio – excluídos os resultados repetidos – foram copiados na íntegra para a formação de um banco de dados e analisados de acordo com seu valor semântico para a separação das aparições em quatro classificações diferentes: a) a categoria “Repreensão” inclui pseudoperguntas cujo sentido holístico é de uma possível repreensão direcionada

⁷ ABRIL. Grupo Abril, 2020. Quem Somos. Disponível em: <https://grupoabril.com.br/#quem-somos>>; Acesso em: 23 de julho de 2020.

⁸ BLOGGER. BLOGGER, 2020. Política de Conteúdo do Blogger. Disponível em: <https://www.blogger.com/content.g?hl=pt>>; Acesso em: 23 de julho de 2020.

a alvo, como na aparição “*Quem mandou me convidar?*” (www.abril.com); b) a categoria de “Afirmção” refere-se ao sentido básico causativo do verbo “mandar” como acionador de um mandante, em aparições como “*Falta mencionar quem mandou construir o monumento*” (www.blogspot.com.br); c) A categoria de “Verificação” inclui perguntas reais a respeito de um objeto, como a pergunta “*Quem mandou matar Marielle?*” (www.blogspot.com.br); e, por último, d) a categoria “Outros” refere-se a publicações excluídas ou bloqueadas.

Para fins de análise, a categoria “Repreensão” foi considerada o objeto de estudo deste trabalho por conter a expressão em questão como uma possível construção gramatical de repreensão a um alvo. Para a alocação das aparições nessa categoria, foram consideradas pistas linguísticas, como uso ou não de interrogação, resposta e estruturas linguísticas que indicassem o tom em que foi usada a construção, entre outras.

Após a separação em categorias, as 34 ocorrências que foram classificadas na categoria “Repreensão” foram analisadas de acordo com o verbo que foi empregado na construção (o X em “Quem Mandou X?”) e o alvo da repreensão captado pelo contexto.

Quanto ao tipo de verbo que preenche o *slot* em questão, propomos uma classificação em quatro esferas: (1) verbos de ação, quando o alvo da repreensão realiza uma ação no mundo, podendo envolver outro ser ou objeto; (2) verbos de cognição, quando o evento denotado pelo verbo se refere a aspectos mentais do alvo da repreensão; (3) verbos *dicendi*, verbos relativos ao dizer; ou, (4) verbos estativos/existenciais, verbos relativos ao estado/existência do alvo da repreensão. Em relação ao alvo da repreensão, ele poderia, nos dados, estar direcionado (i) a uma figura pública, (ii) a um interlocutor, (iii) ao próprio enunciatador ou (iv) a uma entidade. A intenção ao fazer esse levantamento de verbos e alvos da repreensão foi a busca pela natureza semântica da construção através da busca de padrões de verbos e alvos para, assim, levantar considerações a respeito da estrutura gramatical, uma vez que este é um trabalho inicial sobre uma construção ainda pouco estudada.

Após o levantamento dos verbos e alvos, foi feito, também, um mapeamento da estrutura da construção com a intenção de observar a possível intencionalidade do enunciatador no uso ou não de ponto de interrogação no final das frases e os contextos em que ocorrem. Nas seções seguintes, apresentamos a discussão dos resultados obtidos conforme os pressupostos teóricos apresentados.

3 Análise de dados: Características da construção “Quem Mandou X?”

Para fins de análise, os dados foram analisados, sob a perspectiva dos nossos pressupostos teóricos, através (i) do uso em dados reais nos dois domínios procurados, (ii) do aprofundamento da configuração da construção gramatical e (iii) da relação entre os tipos de verbos e alvos implicados na repreensão.

3.1 O uso da construção gramatical “Quem Mandou X?” em dados reais

Por meio da busca avançada do *Google*, a construção “Quem Mandou X?” foi encontrada em um total de 34 ocorrências interpretadas como instâncias da Construção de Repreensão. Isso pode ser verificado na Tabela 1, que ilustra o processo de separação dos dados entre categorias e domínios pesquisados.

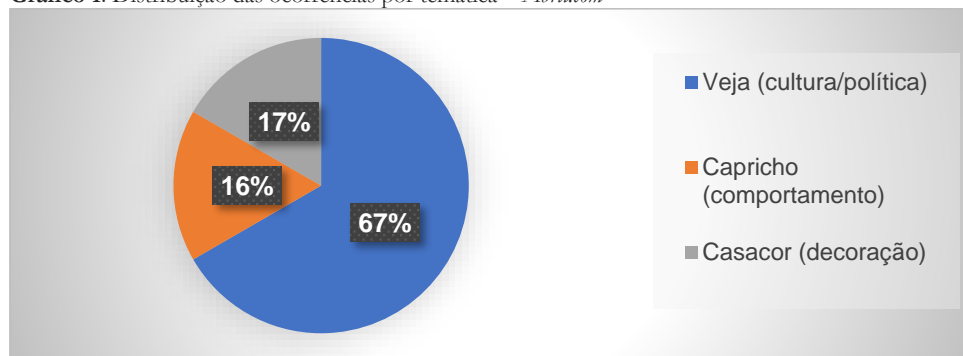
Tabela 1: Classificação das instâncias da expressão por meio da busca eletrônica *Google*

Domínio/ Aparição	Repreensão	Verificação	Afirmção	Outros	Publicações totais
Abriu.com	6	32	28	4	70
Blogspot.com.br	28	9	25	8	70
Total	34	41	53	12	140

Por mais que este se trate de um estudo preliminar, a partir dos dados obtidos na busca, é possível tecer alguns levantamentos sobre a consolidação da configuração gramatical da construção como uma cena típica de repreensão e não uma cena típica de um evento com um mandante efetivo⁹. O maior número de aparições nas categorias de Verificação (41/140) e Afirmação (53/140) era esperado, uma vez que se trata dos usos canônicos de “quem mandou”. Entretanto, em se tratando de uma construção mais inovadora, o sentido de repreensão apareceu proporcionalmente expressivo. Podemos perceber que a estrutura “quem mandou” constrange aproximadamente um quarto (24,3%) do total de dados resultantes da busca Google à significação de uma cena de repreensão.

Uma das nossas hipóteses configurou-se quanto à preferência de uso da construção gramatical “Quem Mandou X?” em relação à temática e (in)formalidade do gênero textual envolvido no domínio buscado. Das 34 aparições, somente 6 foram encontradas no domínio *abril.com* contra 28 no domínio *blogspot.com.br*. A disparidade entre os dois domínios parece estar diretamente relacionada ao gênero textual de ambas as fontes. O domínio *abril.com* engloba muitos sites de jornalismo, com estilo formal. Vejamos o Gráfico 1, com a distribuição das ocorrências no domínio *abril.com*:

Gráfico 1: Distribuição das ocorrências por temática – *Abril.com*



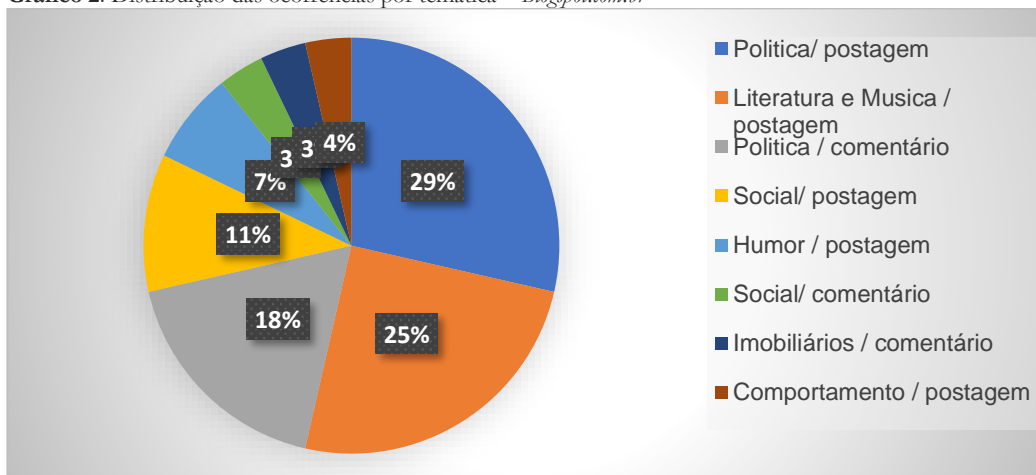
Fonte: dados da pesquisa.

No domínio *abril.com*, o número de ocorrências da construção “Quem Mandou X?” representou 8% dos dados totais obtidos neste domínio (6/70). Todas essas ocorrências são provenientes dos autores/jornalistas dos referidos sites. A revista VEJA, de vertente conhecidamente mais conservadora, é o site com maior número de ocorrências no referido domínio, com 4 de 6 aparições da construção.

Já em relação ao domínio *blogspot.com.br*, o número de ocorrências da construção “Quem Mandou X?” representou 40% dos dados totais obtidos neste domínio (28/70). Vejamos o Gráfico 2, com a distribuição das ocorrências no domínio *blogspot.com.br*:

⁹ Por exemplo, uma cena típica que envolve checagem de informação sobre um mandante efetivo, retirada de nossos dados, é a pergunta “Quem Mandou Matar Marielle?” (www.abril.com). Em casos como esse, depreende-se que a intencionalidade do enunciador seja verificar quem atuou como mandante do ato de matar.

Gráfico 2: Distribuição das ocorrências por temática – *Blogspot.com.br*



Fonte: dados da pesquisa

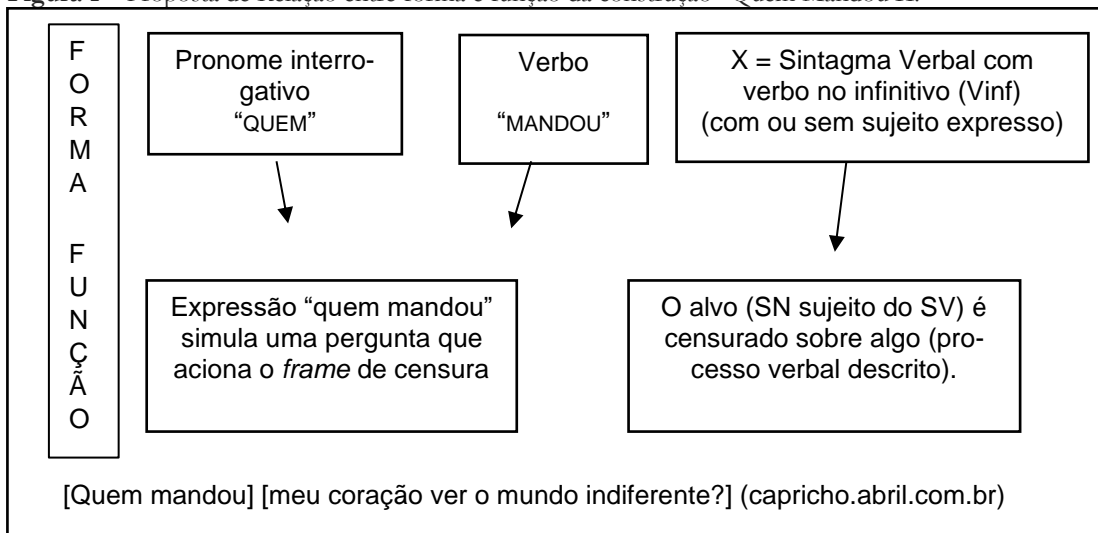
O domínio *blogspot.com.br* hospeda *blogs*, que, por sua vez, envolvem o uso de linguagem majoritariamente informal. Conforme é percebido pelo Gráfico 2, é possível perceber a diversidade de temáticas destes *blogs*. As ocorrências produzidas em postagens relativas às temáticas de Política, com 29% dos dados, e Literatura, com 25% dos dados, representam maior parte dos dados. Em seguida, encontramos as ocorrências realizadas nas partes de comentários feitos em *blogs* com temática política, com 18% dos resultados. Ressaltamos que 21 instâncias (75%) ocorreram nos textos das postagens, associadas à escrita do(a) autor(a) do *blog*, ao passo que 7 (25%) aparecem nos comentários, podendo se referir a sujeitos distintos. Depreende-se que o nível de monitoramento da própria linguagem (escrita) tende a ser menor nos comentários.

Esses dados sugerem que a Construção de Repreensão, embora presente em ambos os domínios, se apresenta mais cristalizada no gênero *blog*, que, por apresentar linguagem mais informal, tende a aceitar mais inovações como essa construção do que o gênero de jornalismo formal.

3.2 A configuração gramatical e a legitimidade da construção “Quem Mandou X?”

A expressão “Quem Manda X?” deve ser considerada uma construção gramatical de decodificação nos domínios analisados por ser interpretada como um bloco único em seu significado de repreensão, alinhado ao pressuposto de Goldberg (1995), de pareamento entre uma forma e uma função. A seguir, apresentamos uma proposta de configuração construcional na Figura 1:

Figura 1 – Proposta de Relação entre forma e função da construção “Quem Mandou X?”



Fonte: Autoria própria.

A figura 1, inspirada na proposta de Goldberg (1995), ilustra a relação entre a forma e a função que a construção assume no discurso. A forma, com pronome interrogativo QUEM, o verbo “mandar” no pretérito perfeito e o X representando qualquer verbo no infinitivo, e a função que a construção assume: o processo verbal descrito em X simboliza o evento que é censurado, em formato de uma pseudopergunta. A Construção de Repreensão é instanciada pelo enunciado (1), proveniente da busca no domínio *abril.com*:

(1) “Quem mandou meu coração ver o mundo indiferente?” (www.abril.com)

Nesse caso, X [meu coração ver o mundo indiferente] simboliza o processo verbal que é censurado/repreendido. O SN sujeito “meu coração” sinaliza que o alvo da censura seja o próprio enunciatador. O contexto da realização dessa instância construcional endossa a interpretação de que se trata de repreensão (e não uma mera pergunta), ao constar, imediatamente antes: “Esta saudade triste que não tem mais fim, resto de saudade em mim. Mas a culpa é toda minha”. A inferência feita é de que o enunciatador utiliza o esquema construcional para demarcar discursivamente que repreende o próprio gesto, culpando-se.

A relação simbólica que autoriza a interpretação de (1) como uma repreensão pode ser associada à discussão trazida por Ferrari (2011): ainda que o falante saiba o significado de todas as palavras que compõem esse esquema construcional, ele possivelmente não apreenderá o significado valendo-se unicamente da composição dos itens. Trata-se, portanto, de uma construção de **deco-dificação**, visto que é interpretada holisticamente; **gramatical**, pois sua estrutura é prevista pelas regras da língua; e é **formal**, pois apresenta uma parte fixa e um *slot* a ser preenchido (ou seja, é semipreenchida pela contraparte QUEM MANDOU).

É importante ressaltar que a integração entre os itens de uma construção gramatical obedece às suas propriedades gramaticais compatíveis como os padrões gramaticais da língua portuguesa, como exposto por Pinheiro (2016). A construção apresentada neste estudo está alinhada à afirmação do autor, uma vez que apresenta um pronome interrogativo seguido de um verbo (que pode ou não apresentar um complemento verbal), em consonância com o padrão canônico SVO.

A construção “Quem Mandou X?” se apresenta, naturalmente, como uma pergunta da língua portuguesa devido à sua forma: há presença de um pronome interrogativo e do sinal de interrogação. Entretanto, a observação em dados reais revelou que os falantes nem sempre usam o sinal de interrogação ao final da frase. No site *abril.com*, todas as 6 aparições da construção apresentam ponto de interrogação, como no exemplo:

(2) *Quem Mandou Me Convidar?* inova como uma série de rede de contatos colaborativa que busca a transformação social pelo design. A websérie trouxe para Paraty mudanças significativas para a população local. (www.abril.com)

O exemplo (2) foi tirado de uma reportagem jornalística a respeito da websérie sobre arquitetura e design “*Quem Mandou me Convidar?*” exibida pelo canal GNT. Nesse exemplo, a construção possui o ponto de interrogação, mas não se trata de uma pergunta verdadeira, por não apresentar nenhuma pista linguística ou contextual que sinalize haver uma pergunta real, como uma resposta à pergunta feita.

Em relação do domínio *blogspot.com.br*, dentre as 28 aparições da construção, 18 aparecem com ponto de interrogação ao final da frase. Dentre as 10 aparições do domínio que não possuem ponto de interrogação, temos situações como esta do exemplo (3).

(3) *QUEM MANDOU BAIXAR AS CALÇAS PRA ELES*: EUA espionaram milhões de mensagens e telefonemas no Brasil. (www.blogspot.com.br).

Nesse exemplo, o enunciador repreende o interlocutor utilizando a construção gramatical a respeito das concessões que o governo brasileiro fez ao governo estadunidense e que resultaram em espionagem de mensagens e telefonemas. De acordo com esta análise, a construção não se trata de uma pergunta real, mas sim de uma repreensão.

Em termos de números absolutos, dentre as 34 instâncias analisadas, 24 (6 em *abril.com* e 18 em *blogspot.com.br*) mantêm a marca formal do sinal de interrogação, ao passo que 10 (todas em *blogspot.com.br*) apresentam-se como uma possível adaptação/inação do esquema construcional. Levando em consideração o papel da representatividade dos usos, a configuração que mantém o sinal de pontuação ocupa posição mais central como representante do padrão construcional. A configuração que mantém o sinal de interrogação pode ser entendida como a que também mantém traços formais da pseudopergunta, mesmo que a construção represente uma pergunta retórica. Essas considerações são tomadas com base no número preliminar de dados obtidos na pesquisa. O avanço em bancos de dados maiores permitirá confirmar ou refutar esta constatação inicial.

A ausência do sinal de interrogação em algumas ocorrências no domínio *blog* sugere uma adaptação à pseudopergunta: por não esperar uma resposta e por não possuir o sentido de pergunta, o ponto de interrogação poderia então deixar de ser colocado pelo produtor do texto. Parece haver, assim, uma maior explicitação de que a suposta pergunta é, de fato, uma repreensão e não exige uma resposta, uma vez que essa pergunta não tem a intenção de verificar alguma informação no mundo, mas sim censurar. A distorção entre os itens da construção gramatical e o significado esquematizado entre os falantes é atestada pelo pronome interrogativo *quem*. Esse pronome aparece tipicamente no começo de perguntas; entretanto, no contexto da construção de repreensão, o alvo não é questionado, mas repreendido a respeito de algo.

3.3 Relação entre alvos da repreensão e os tipos de verbos empregados

A construção “Quem Mandou X?” é uma construção semipreenchida, isto é, composta de uma parte fixa (Quem mandou) e uma parte “móvel” (X [SVinf]), que pode ser ocupada por qualquer verbo na forma nominal infinitiva. Os verbos empregados na construção foram distinguidos neste trabalho, seguindo a intuição/uso de falantes de PB, em relação a quatro grandes tipos: acionais, estativos/existenciais, cognitivos e *dicendi*.

Após esta categorização, foi feita uma correlação entre os tipos de verbos que compunham a contraparte X da construção e os tipos de alvos da repreensão, que poderiam ser um interlocutor (leitor potencial), uma figura pública, uma entidade ou o próprio enunciador.

No que diz respeito aos verbos, foi observado que a grande maioria dos verbos que integram

o X de “Quem Mandou X?”, em nossos dados, é formada por verbos de ação, como em “*Quem mandou não reduzir a tarifa?*” (www.blogspot.com.br), que representam 70,58% dos nossos dados; seguidos dos verbos estativos/existenciais, como em “*Quem mandou eu ser assim?*” (www.blogspot.com.br), que representam 20,58% dos nossos dados. Os verbos de cognição, como em “*Quem mandou duvidar?*” (www.blogspot.com.br), aparecem somente em 5,88%; e, por último, os verbos *dicendi*, como em “*Quem mandou chamar?*” (www.abril.com), com 2,96% dos dados.

Os dados a respeito da contraparte X da construção foram cruzados com os diferentes tipos de alvo da repreensão. Os alvos das repreensões são fundamentais para o aprofundamento da estrutura dessa construção gramatical. Para este estudo, os alvos foram classificados como *Interlocutor (leitor potencial)*, isto é, quando a repreensão é feita a um sujeito que pode ser identificado pelo contexto ou não, *Figura Pública*, *Entidade* ou o *Próprio Enunciador*, quando o enunciador faz uma repreensão a si mesmo. Vejamos a Tabela 2, que apresenta a distribuição dos alvos nos dados e relaciona aos tipos de verbos predominantes para cada alvo acionado:

Tabela 2: Porcentagem de aparições por alvo da repreensão

Alvo da Repreensão	Interlocutor (leitor potencial)	Figura Pública	Entidade	Próprio enunciador
Ocorrências/ Porcentagem	24 (70,58%)	3 (8,82%)	2 (5,88%)	5 (14,70%)
Tipo de verbo predominante	Acional (69,56%)	Acional (100%)	Acional (100%)	Estativo/Existencial (60%)

Fonte: dados de pesquisa.

Os números da tabela 2 sugerem que a repreensão é numericamente mais expressiva em interlocutores (leitores potenciais) do que em relação a outros tipos de alvo. Em relação aos tipos de verbos dominantes, os verbos acionais são unânimes ou dominam a maioria das aparições dirigidas a um alvo, salvo quando o alvo é o próprio enunciador, situação em que o tipo de verbo dominante é estativo/existencial.

A relação entre os alvos da repreensão e as características dos verbos é vista como uma pista a respeito da natureza semântico-pragmática da construção, uma vez que existem padrões nas aparições.

Em nossos dados, o alvo *Interlocutor* está relacionado a todos os tipos de verbos. Desses, a maioria é composta por verbos de ação: 16 aparições. No exemplo (4), apresentamos uma ocorrência retirada do domínio *blogspot.com.br*.

(4) *Quem mandou votar no homem?* Esse clássico do saudoso Olímpio Martins gravado no final da década de 80, agora pode ser cantando em Coelho Neto, principalmente pelo servidor da saúde que o salário é uma piada como dizia o músico. (www.blogspot.com.br)

Nesse exemplo, o alvo da repreensão é um *Interlocutor* (que pode ser depreendido como “você” no uso genérico) e há presença de um verbo de ação (votar [no homem]). O enunciador faz referência a uma música composta por Olímpio Martins e que hoje pode ser relacionada à diminuição de salários na área da saúde proposta por um vereador bastante votado pelos profissionais de saúde.

O segundo tipo de verbo mais numeroso com relação ao alvo da repreensão *Interlocutor* é estativo/existencial, com cinco aparições. O exemplo (5) foi retirado do domínio *blogspot.com.br*.

(5) Quem Mandou Nascer Mulher? (www.blogspot.com.br)

Esse exemplo foi retirado do título de uma postagem sobre os direitos das mulheres em um *blog* feminista. Nesse caso, a pseudopergunta é direcionada a interlocutoras mais genéricas, isto é,

leitoras potenciais que não podem ser recuperadas pelo contexto.

Com relação ao alvo da repreensão *Figura Pública*, das três aparições, todas estavam ligadas a verbos de ação, como mostra o exemplo (6).

(6) Segundo a coluna Painei, da Folha (que traz uma charge espetacular): “Em reunião de líderes, Jandira se queixou que a crise a obrigou a fechar um restaurante árabe no Rio”. *Quem mandou apoiar Dilma Rousseff?* (www.abril.com)

Nesse exemplo, a repreensão é ligada a uma *Figura Pública* (a deputada Jandira) e há presença de um verbo de ação (apoiar [Dilma Rousseff]), que pode ser interpretado como um tipo de ato deliberadamente discursivo. A repreensão é feita devido ao fato de a deputada ter apoiado publicamente o governo da ex-presidente Dilma Rousseff, sendo que, neste mesmo governo, houve uma crise que causou impactos econômicos no país e teria obrigado a deputada a fechar o seu restaurante.

Em relação ao alvo *Entidade*, foi unânime a presença de verbos de ação na contraparte X. O exemplo (7) é ilustrativo dessa configuração.

(7) “Depois do jornal Financial Times e das revistas Time e The Economist detonarem o seu desgoverno, agora é a Bloomberg que narra mais este caso escabroso. *Quem mandou o PT não “regular a mídia” estrangeira?*” (www.abril.com.br)

Nesse exemplo, que faz parte de uma reportagem jornalística, o enunciador faz uma provocação à entidade PT (partido político) por ter sido noticiada por diversos jornais estrangeiros sobre seus escândalos. O alvo da repreensão não é, portanto, voltado a indivíduos, mas a uma entidade coletiva.

Por fim, em relação ao alvo *Próprio Enunciador*, em nossos dados, 3/5 aparições estão ligadas a verbos estativos/existenciais. Os verbos de ação pouco aparecem ligados ao próprio enunciador, reforçando a sinalização de que o enunciador se autocensura por aquilo que faz ou por aquilo que pensa, mas não por suas ações, como no exemplo (8):

(8) “Errado sou eu que acordo às 04:30 da manhã para ir trabalhar, pago IPTU, CPMF, IPVA e outras merdas por aí. Bem feito pra mim, *quem mandou eu ser honesto.*” (www.blogspot.com.br).

Nesse caso, o próprio enunciador repreende a si mesmo indignado por uma característica que possui – ser honesto. Tal atitude gera consequências, como acordar cedo e pagar impostos, enquanto pessoas que cometem crimes ficam impunes.

Em nossas análises, buscamos levantar considerações a respeito da construção gramatical de repreensão através de dados reais obtidos em diferentes domínios da internet. Pistas contextuais, como a falta do ponto de interrogação, demonstram o sentido de pseudopergunta de repreensão da construção analisada. O cruzamento dos tipos de alvos da repreensão, obtidos pelo contexto, e os tipos de verbos que compõem a contraparte X da construção nos permitiram observar com detalhes a parte móvel da construção e estabelecer considerações sobre possíveis esquemas ativados.

Considerações finais

Ancorados nos pressupostos da LC e da GC e considerando os resultados obtidos através das análises de dados deste trabalho, entendemos que a expressão “Quem Mandou X?” possui indicativos de que possa ser considerada uma construção gramatical em língua portuguesa, uma vez que há o pareamento entre a forma e o significado. Além disso, a depreensão do sentido de repreensão emerge holisticamente, fruto da interação dos elementos como um todo, e não de uma

análise meramente composicional.

A configuração gramatical da expressão revela a diversidade de alvos aos quais essa repreensão foi direcionada e os verbos que constituem os 34 resultados entre os domínios pesquisados. A configuração gramatical também revelou que, na maior parte das vezes, em nossos resultados, a repreensão tem como alvo um interlocutor, que pode ser recuperado pelo contexto (interlocutor próximo contextualmente) ou não (interlocutor mais genérico), e sendo repreendido por algo que ele faz, a partir do uso de verbos de ação. Outro dado revelado foi que, quando o alvo é o próprio interlocutor, os verbos usados são sempre, em nossos dados, estativos/existenciais, revelando uma repreensão por aquilo que ele/ela é, na maioria das vezes.

Uma constatação a partir dos dados analisados é que a estrutura “Quem Mandou X?” possa estar em processo de convencionalização na língua portuguesa como uma Construção de Repreensão. Nesse processo, a construção parece estar tendo seu esquema original de pergunta, correspondente à sua forma, para um esquema de pseudopergunta cujo intuito é repreender um alvo específico. Este processo pode ser apreendido pela estrutura formal da construção, que, no domínio *blogspot.com* de nossos dados, começa a aparecer sem o ponto de interrogação. Para a completa verificação desse resultado encontrado na presente investigação são necessários estudos mais aprofundados de investigação diacrônica.

O domínio *abril.com* tem todas as 6 aparições da construção com ponto de interrogação no fim da frase. Este domínio apresenta o gênero jornalístico formal, que é caracterizado por certa resistência a inovações da língua, como a construção estudada. Por outro lado, o domínio *blogspot.com.br* apresenta 10 das suas 28 aparições sem ponto de interrogação. Este domínio abarca textos do gênero *blog*, com linguagem mais informal, logo, mais flexível a inovações da língua, como a explicitação da não necessidade de resposta diante da pseudopergunta “Quem Mandou X?”

Por fim, é válido ressaltar que este estudo teve como base investigações iniciais dentro da abordagem teórica da Gramática de Construções, tendo como foco a Construção de Repreensão “Quem Mandou X?”. As contribuições apresentadas por este trabalho pretendem auxiliar a compreensão de uma inovação na língua portuguesa, auxiliar professores que buscam uma maior compreensão acerca dos sentidos da construção estudada, além de colocar em questão a maneira como ocorre o processo de variação linguística diante de uma construção nova.

Referências

- CAVALCANTE, S; SOUZA, A.L. Linguística Cognitiva: uma breve introdução. In; Arabie Bezri Hermont, Rosana Silva do Espírito Santo, Sandra Maria Silva Cavalcante. (org.) **Linguagem e Cognição; diferentes perspectivas, de cada lugar um novo olhar**. Belo Horizonte; PUC Minas, 2010. P.63-79
- FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo : Contexto, 2011.
- GOLDBERG, A. **Constructions** : a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: The Oxford University Press, 2006.
- MARTELOTTA, M. E., PALOMANES, R. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Linguística**. 2.ed., 5ª reimpressão. – São Paulo; Contexto 2017. p.177-191.
- PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). **Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem**. Campos: Brasil Multicultural, 2016.
- PIRES, G. da S. **Abordagem semântico-pragmática da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples “PARA X, Y” e Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática “ATÉ QUE PARA X, Y”**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, UFJF. Juiz de Fora/MG,

2016. 277 fl.

SOUZA, A. L. A Gramática das Construções. In: HERMONT, A. B., ESPIRITO-SANTO, R. S., CAVALCANTE, S. M. S. (org.) **Linguagem e Cognição; diferentes perspectivas, de cada lugar um novo olhar**. Belo Horizonte; PUC Minas, 2010. p.125-139.